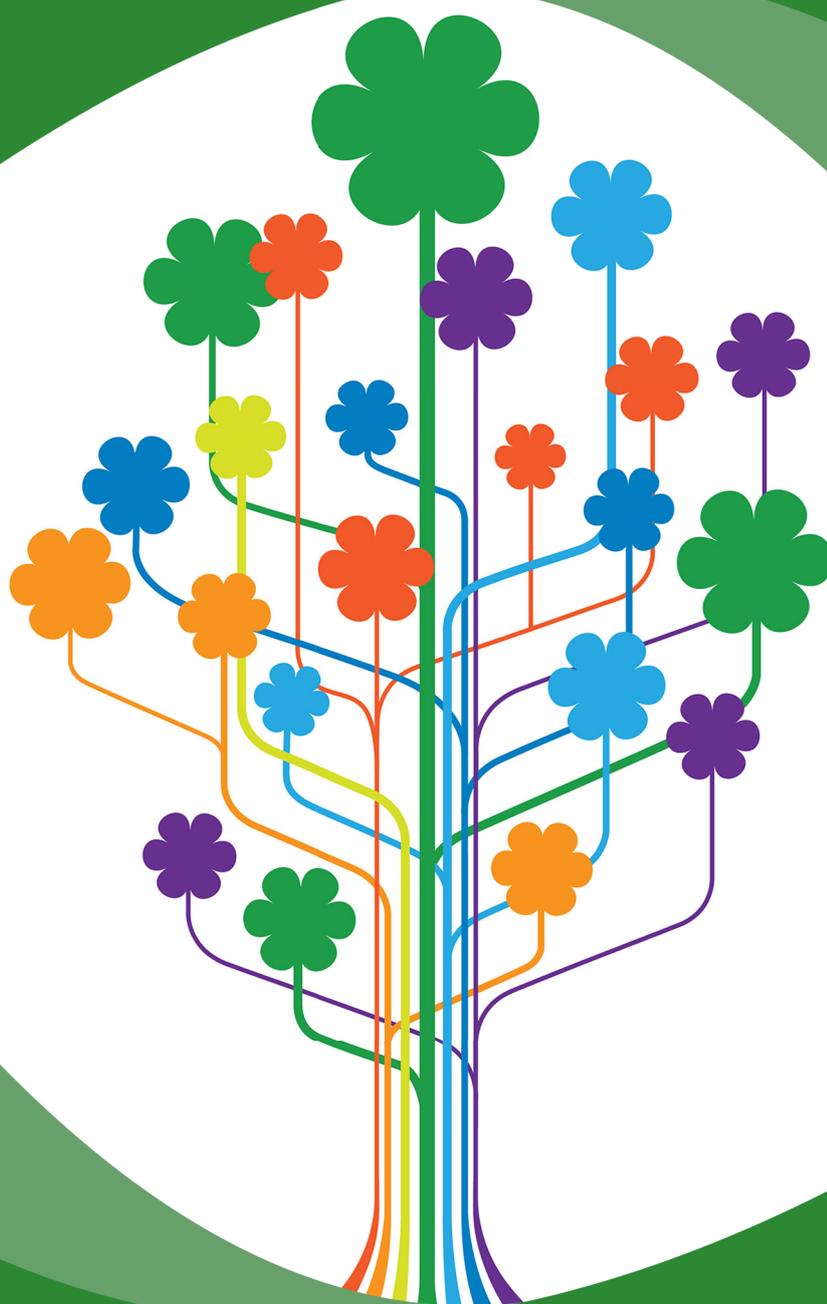


Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 3

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:
Caminhos para a Inclusão 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 3 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-725-3 DOI 10.22533/at.ed.253191710 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial.*

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

II. EDUCAÇÃO ESPECIAL E LEGISLAÇÃO (PNE)

CAPÍTULO 1 1

A ESTIMULAÇÃO PRECOCE E AS METAS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE (2014-2024)

Julianna Mendes de Matos Souza
Lícia Cristine Marinho França
Silvana Carolina Furstenau dos Santos
Diego Soares Souza

DOI 10.22533/at.ed.2531917101

CAPÍTULO 2 13

AS ATRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES QUE ATUAM NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Ana Carolina Leite Neves
Helena Carvalho Guimarães
Marcelo Marques de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.2531917102

CAPÍTULO 3 25

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) – DO LEGAL À MATERIALIZAÇÃO

Marlon César Silva
Maria Célia Borges

DOI 10.22533/at.ed.2531917103

III. ESTUDOS CULTURAIS E INCLUSÃO SOCIAL

CAPÍTULO 4 40

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL DE MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL – O PROGRAMA MULHERES SIM DO IFSC-SÃO MIGUEL DO OESTE

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Marizete Bortolanza Spessatto
Jacinta Lucia Rizzi Marcom
Idianes Teresa Mascarelo
Solange Janete Finger

DOI 10.22533/at.ed.2531917104

CAPÍTULO 5 54

A IDENTIDADE DA MULHER SURDA: AS RELAÇÕES DE PODER E AS PRÁTICAS SOCIAIS DISCURSIVAS REPRESENTADAS ATRAVÉS DA LITERATURA

Carla Georgia Travassos Teixeira Pinto
Monique Araújo

DOI 10.22533/at.ed.2531917105

CAPÍTULO 6 67

INCLUSÃO DE SUJEITOS DEFICIENTES, UMA REFLEXÃO A LUZ DA TEORIA ECONÔMICA POLÍTICA DE MAX

Diná Freire Cutrim

DOI 10.22533/at.ed.2531917106

CAPÍTULO 7 77

INCLUSÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL, COM APOIO DO ENSINO A DISTÂNCIA (EAD)

[Roberta Betania Ferreira Squaiella](#)

[Roberto Righi](#)

[Maria Victoria Marchelli](#)

DOI 10.22533/at.ed.2531917107

CAPÍTULO 8 89

INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM MÚLTIPLA DEFICIÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE ESTUDOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2013 A 2018

[Flavia Alves Santos](#)

[Gisele Machado da Silva Carita](#)

DOI 10.22533/at.ed.2531917108

CAPÍTULO 9 101

TESSITURAS DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003

[Emílio Rodrigues Júnior](#)

[Janaina Santana da Costa](#)

DOI 10.22533/at.ed.2531917109

CAPÍTULO 10 113

PEDAGOGIA HOSPITALAR: O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO-EDUCACIONAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS NO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU/PA

[Raquel Matos Lameira Miranda](#)

[Alexandre Augusto Cals e Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.25319171010

CAPÍTULO 11 127

CONTRIBUIÇÃO DA MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES COGNITIVAS EM PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ÂMBITO EMPRESARIAL

[Glauce Virginia Motta Regis](#)

[Dayse Aparecida dos Santos Azevedo](#)

DOI 10.22533/at.ed.25319171011

IV. USO DA TECNOLOGIA PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL

CAPÍTULO 12 132

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E CURRÍCULO

[Leida Raasch](#)

[Wenderson Mação Pereira](#)

[Lara Regina Cassani Lacerda](#)

DOI 10.22533/at.ed.25319171012

CAPÍTULO 13	144
A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) PARA A APRENDIZAGEM CIENTÍFICA DOS SURDOS NA ÁREA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
Daniela Copetti Santos	
Maiara Ilisa Fauth	
Juliane Ditz Knob	
Fabiani Machado	
Larissa Lunardi	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
Josiane Fiss Lopes	
Cátia Roberta de Souza Schernn	
DOI 10.22533/at.ed.25319171013	
CAPÍTULO 14	154
A RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias	
Priscila Cristina da Silva Maciel	
Daniele Fernandes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.25319171014	
CAPÍTULO 15	162
CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E PRÁTICA BILÍNGUE: ALTERNATIVAS PARA CONSTRUÇÃO DE SABERES NO ENSINO DE CALORIMETRIA PARA SURDOS	
Mauritânia Lino de Oliveira	
Ramon Corrêa Mota	
Arilson Lehmkuhl	
DOI 10.22533/at.ed.25319171015	
CAPÍTULO 16	171
O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA A PERMANÊNCIA DO ALUNO COM ATAXIA ESPINOCEREBELAR NA ESCOLA	
Larisse Junqueira Mendes de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.25319171016	
CAPÍTULO 17	179
CURSO OPERADOR LINUX ACESSÍVEL EM LIBRAS	
Ronnaro dos Santos Jardim	
Alex Santos de Oliveira	
Airton de Lucena Araújo	
Maíra Vasconcelos da Silva Padilha	
DOI 10.22533/at.ed.25319171017	
CAPÍTULO 18	188
A ESCOLARIDADE COMO FATOR INFLUENCIADOR DO PROCESSO DE EXCLUSÃO DE AGENTES AMBIENTAIS DA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO-ES: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS AGENTES AMBIENTAIS	
Sandra Maria Guisso	
Charles Moura Netto	
DOI 10.22533/at.ed.25319171018	
SOBRE A ORGANIZADORA	198
ÍNDICE REMISSIVO	199

A IDENTIDADE DA MULHER SURDA: AS RELAÇÕES DE PODER E AS PRÁTICAS SOCIAIS DISCURSIVAS REPRESENTADAS ATRAVÉS DA LITERATURA

Carla Georgia Travassos Teixeira Pinto

Universidade da Amazônia, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC)
Belém - Pará

Monique Araújo

Universidade do Estado do Pará
<http://lattes.cnpq.br/4746367732556896>
ID Lattes: 4746367732556896

RESUMO: O presente trabalho focaliza um estudo junto a jovens surdas que utilizam a literatura como materialidade artística discursiva, analisado a partir da condição social destas entre mundo sociais e culturais diferentes, construindo intrincados caminhos buscando o artefato cultural visual, elas recorrem aos contos e fábulas para produzir arte, sintetizar suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e sua cultura na comunidade Parque União. Criam a arte com a intenção de revelar ao mundo o que elas pensam, divulgar as convicções da comunidade surda legitimada pela língua de sinais como sendo a língua natural dos surdos. O presente estudo possui como objetivo principal divulgar a cultura surda e retratar a mulher interconectada a uma multiplicidade de identidades. No referencial teórico elencamos Skiliar (2011) e Strobel (2008). A metodologia do presente estudo foi desenvolvida com 4 (quatro)

jovens surdas, com idades entre 12 a 17 anos, todas alunas de Escola pública. O percurso metodológico foi construído em três etapas: leitura de textos usando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), produção textual e finalizando com a dramatização. Os resultados observados foram a transformação do espaço educacional traçando caminhos para uma pedagogia surda e o currículo surdo que contribui na formação de identidades culturais positivas de pessoas surdas. Concluímos que neste processo há a constituição de uma mulher emergente que requer reflexões sobre como se constitui os saberes sobre a surdez na atualidade, como a mulher surda se referi a si própria e como ela é revelada, as coisas que são faladas sobre ela.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Surda; Identidade; Literatura; Jovens; Artes.

THE IDENTITY OF DEAF WOMEN: THE POWER RELATIONS AND THE DISCURSIVE SOCIAL PRACTICES REPRESENTED THROUGH THE LITERATURE

ABSTRACT: The present work focuses on a study of deaf young people who use literature as discursive artistic materiality, analyzed from the social condition of these between different social and cultural worlds, constructing intricate paths seeking the visual cultural artifact, they

resort to tales and fables to produce art, to synthesize their emotions, their histories, their subjectivities and their culture in the Parque União community. They create art with the intention of revealing to the world what they think, to divulge the convictions of the deaf community legitimized by sign language as the natural language of the deaf. The main objective of this study is to disseminate the deaf culture and portray the interconnected woman as a multiplicity of identities. In the theoretical framework we mention Skilar (2011) and Strobel (2008). The methodology of the present study was developed with 4 (four) deaf youth, aged between 12 and 17 years, all students of Public School. The methodological course was constructed in three stages: reading texts using the Brazilian Sign Language (Pounds), textual production and ending with the dramatization. The results observed were the transformation of the educational space, tracing the path to a deaf pedagogy and the deaf curriculum that contributes to the formation of positive cultural identities of deaf people. We conclude that in this process there is the constitution of an emergent woman that requires reflections on how the knowledge about deafness is constituted today, as the deaf woman referred to herself and how it is revealed, the things that are spoken about her.

KEYWORDS: Deaf Culture; Identity; Literature; Young; Arts.

1 | INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa possui como ponto central os “Estudos Culturais”, é conduzido em busca da emersão da mulher surda, e equipara-se com o pensamento apontado por Hall (1997), que revela que são as identidades que, por um tempo prolongado, mantiveram o mundo social em decadência e desagregada. Para o autor, isso é intitulado por “crise de identidade” que é entendida como um componente de um processo mais extenso de mudança, que está desviando os pilares e processos centrais das sociedades modernas e desestabilizando os quadros de referência que forneciam aos sujeitos um porto seguro equilibrado no mundo moderno.

Essas identidades em tensão estão sendo interpeladas, “descentradas”, ou seja, “deslocadas ou fragmentadas”, visto que o sujeito, até então simbolizado e experimentado como condutor de uma identidade unificada e definitiva, entre em ameaça e não se identifica mais como uma identidade estável e homogênea, cria-se o portal das várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas. (ibidem, p. 12-13).

Os deslocamentos de uma identidade para a multiplicidade de identidades desorganizam aspectos e, também, as concepções de gênero e sexualidade, entre outros, bem como altera, ainda, o diagrama arquitetônico desse campo de conhecimento. Diante disso, a paisagem, o lugar em que esse sujeito multifacetado caminhará é composto, e se organiza como uma teia, que é estruturada nas relações de saber e poder, contudo, com a flexibilidade necessária para consentir cada detalhe, cada especificidade, como uma nova face, que está eternamente aberta

para um novo contemplar.

Neste instante, inicia novas formas de instituir as “paisagens” culturais de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que ignoram a construção do homem na qualidade de sujeito e objeto da história, representada e vivida como história ininterrupta.

Interromper com a linearidade histórica é estar localizado em outro espaço e, se situar neste novo espaço, é essencial se identificar como habitante de uma perspectiva fora do estruturalismo da modernidade. Um novo panorama pode ser encontrado imerso nos Estudos Culturais, que possuem, como uma das incumbências, efetivar o processo de desconstruir todo e qualquer limite centralizador, globalizante, homogêneo e permanente. Outra missão é de finalizar, com as narrativas que direcionam para refutação binárias, tendo como exemplo, surdos/ouvintes, masculino (homem/ feminino (mulher)). O procedimento de desconstrução pertence, porquanto, a esse lugar, semelhante a um dos instrumentos que:

Permite perturbar essa ideia de revelação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. (...) Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens ou mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. (LOURO, 1997, p.33).

A importância deste trabalho está relacionada a introduzir aos Estudos Culturais os Estudos Surdos e o assunto de gênero, buscamos esse caminho para aprofundar esse tema, simultaneamente que recorreremos a desconstrução das narrativas que se direcionam à mulher surda.

A justificativa da nossa pesquisa é centrada no entendimento da concepção de identidade para situar a mulher surda. Dentro do conjunto de identidades plurais, múltiplas; que se modificam que não são inertes, estáticas ou imobilizadas, podem até mesmo ser contraditórias, todavia, não são identidades prontas e acabadas. Pretendemos falar desta identidade com referência de construção móvel, transformação, movimento que conduz essa mulher a diversos caminhos possíveis na busca do direito de ser surda e ter suas prerrogativas legais respeitadas pela cultura hegemônica ouvinte.

A Relevância deste trabalho consiste em compreender a identidade surda fora da visão da deficiência e relacionar os Estudos Surdos aos Estudos Culturais, desejamos desconstruir a concepção de incapacidade que é atribuída ao surdo. E entender o corpo como um ponto para inserir a questão de gênero, conectada à sexualidade da mulher surda. E neste intento contribuir de forma significativa com o Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas, Tecnologias e Inclusão, do Instituto Federal Castanhal/ PA, principalmente na linha de pesquisa da Educação Inclusiva.

Os objetivos desta pesquisa fundamentam-se na possibilidade de divulgar a cultura surda e retratar a mulher interconectada a uma multiplicidade de identidades

2 | A PARTIR DE QUE INTERPRETAÇÃO: OS ENUNCIADOS QUE DESCREVEM A MULHER SURDA

As concepções que apontamos a mulher surda advém da transversalidade, na interceptação de três eixos: os Estudos Surdos, os Estudos Culturais, e o de gênero e sexualidade, numa interpelação pós-estruturalista em educação.

Louro (1997) chama atenção para a configuração desta mulher surda que será evidenciada é a mulher interconectada a várias identidades, em que o ser mulher surda representa apenas uma delas. Desta forma, entendemos que não há apenas um tipo de mulher surda ao contrário há várias mulheres surdas, divergentes, que não são iguais entre si, que podem ser companheiras, cúmplices ou adversárias.

Esta mulher surda será analisada no território dos Estudos Culturais, proporcionando-lhe uma reflexão conectando-a, nos Estudos Surdos, no acervo de conhecimentos, destacando a surdez como questão epistemológica e não mais como patologia. Neste sentido, discutiremos essa questão epistemológica no contexto de refletir o modo como encaramos as formas pelas quais se criam e foram criadas como artefatos verdadeiros, o que entendem e afirmam sobre a mulher surda.

Os teóricos Wrigley (1996) e Davis (1995), abordam a surdez no campo da epistemologia e não como patologia.

Wrigley (1996) sinaliza para a análise dos aspectos etnográficos das culturas dos surdos. Todavia, esta não significa uma etnografia da surdez. É, sim:

Um estudo de inclusão e exclusão, da disponibilidade e administração de identidades aceitáveis; dá detalhes da construção das percepções pelas quais as diferenças particulares são mais efetivamente excluídas e outras mais efetivamente incluídas. Os surdos – suas experiências e suas representações como “surdos” - representam uma interseção peculiar de questões que ressoam em terrenos aparentemente bastante separados. (Wrigley, 1996, p. 13)

Neste sentido, Wrigley (1996) estabelece relação com os estudos de Hall (1997) no que concerne ao processo de identificação, tornando esse processo “provisório”, mais “variável”, assumindo a identidade como uma “celebração móvel” (Wrigley, 1996, p. 13).

Nesse contexto, foram formados estereótipos que fortalecem a hegemonia discriminatória de sua produção cultural. A retórica de poder do ouvinte conserva-se firme e normaliza estes estereótipos. Essa ideologia dominante conduz a suposição que pessoas surdas e neste quadro está inserido o gênero feminino não são capazes de desenvolver-se e ascender nos âmbitos educacional, profissional. Neste sentido, a cultura surda entra e contesta e inverte o discurso normalizante ouvintista.

3 | A IDENTIDADE FEMININA: A MULHER SURDA E SUAS NARRATIVAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Posicionar a mulher surda fazendo a relação entre gênero e sexualidade tendo como base uma abordagem Pós-estruturalista demanda um grande desafio no campo dos Estudos Surdos. Principalmente por ser um tema com reduzido número de publicações e mais exíguo ainda quando tratamos de relacionar Estudos Surdos e os Estudos Culturais.

A pergunta que fazemos é a seguinte: o que pode ser gênero?

Louro (1997), responde nossa pergunta.

Um sinônimo de “mulheres” e é também usado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que estudar um implica olhar para o outro. Scott enfatiza o fato de que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. (LOURO, 1997, p. 24).

Todas essas reflexões realizam uma íntima ligação entre os Estudos Surdos e Estudos Culturais na direção dos processos de identidade, diferenciação e alteridade. Esses processos possuem características de transitoriedade dentro de três eixos respectivamente citados acima, harmonizados neste fundamento e, por conseguinte, estão conectados à composição de sujeitos multifacetados.

Louro (1997), enfatiza a questão de gênero sendo este considerado como “constituente” da identidade dos sujeitos, negando qualquer tipo de determinismo biológico. Em contrapartida, é um componente integrante das relações de poder, rigorosamente do exercício de poder.

Então, a formação de sujeitos “generificados” desenrola-se de maneira relacional e tanto o gênero feminino e o gênero masculino se desenvolvem um em relação ao outro. Importante salientar que essa relação gera um sistema de diferenciação, contudo não quer dizer que sejam polos opostos.

Silva (1996), fala que as “diferenças” não tem valor fora de um conjunto de concepções que servem para constituir e tornar firme esse sistema de poder. A distinção é subordinada à representação de poder, afirma Silva.

Foucault (1998), fala sobre a sexualidade dentro um “dispositivo histórico”:

O dispositivo de aliança este se articula aos parceiros sexuais; mas de um modo inteiramente diferente (...) O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo da sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. (FOUCAULT, 1998, p. 100)

A sexualidade compreendida desta forma encontra-se relacionada ao processo de formação de sujeitos estereotipados. Estes sujeitos ao se instituírem geram posicionamentos, comportamentos, que descrevem e originam os chamados “papéis sexuais”. Segundo Louro (1997):

Esses papéis seriam, basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos,

suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. (LOURO, 1997, p. 24).

A internalização desses papéis adequa a construção de gênero como artefato e desenvolvimento tanto da representação quanto da autorepresentação. O gênero como sugere Scott (1996):

Uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (...) O uso de “gênero” enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 1996, p. 75-76).

É instigante constatar que a sexualidade (sexo) é discutida pela perspectiva biológica funcional e psicológica, em condição normativa e reguladores. Ou seja, a sexualidade surge sempre associada à maternidade e aos órgãos sexuais.

No entanto, verifica-se, na argumentação textual, que as pesquisas ao indicarem para a sexualidade, se dissolve e o sujeito surdo é declarado como o “incapacitado” de receber informações e vivenciar relações no seu cotidiano. A apreensão da sociedade hegemônica ouvinte retorna ao “fazer/falar”, centralizada no sujeito surdo, reduzido a um ouvido doente. Desta forma, podemos afirmar que o corpo da mulher surda também é refletido e constituído como um “órgão patológico” e esse corpo deficiente, doente, incapacitado, não pode ser aceito, conhecido, antes da sua “normalização”. Normalização imposta por padrões no qual este corpo possui requisitos pré-estabelecidos por esta sociedade.

Na tessitura dessa narrativa a pergunta que instiga e como efetuar o processo desconstrutivo que não provoque uma nova concentração no entendimento entre as narrativas construídas sobre os gêneros, a sexualidade, a surdez, em relação à mulher surda? E, como as identidades sociais hegemônicas podem ser questionadas e reclamadas?. Questionamentos estes que serão respondidos e analisados na conclusão do respectivo artigo.

Continuando, se faz necessário um olhar direcionado para analisar como se percebe os saberes sobre a “surdez” envolvendo as relações de gênero e sexualidade que se organizaram na modernidade, verificar as afirmações e crenças que são proferidas em relação a ela, sobre ela; como ela é exteriorizada e como ela refere a si própria.

4 | A LITERATURA: O DESENVOLVIMENTO DA MULHER NA RELAÇÃO APRENDIZADO, CONVÍVIO E TRAÇOS INTERCULTURAIS

Artefatos culturais são segundo (STROBEL, 2008, p. 37) “não se referem apenas a materialismo culturais, mas àquilo que na cultura, constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”. Neste sentido, iremos aqui destacar a literatura surda que representa um dos artefatos culturais da comunidade surda

A literatura surda materializa a memória do conhecimento adquirido com experiências vividas pelo povo surdo que perpassa por várias gerações. A literatura se pluraliza em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp nos chama atenção para: Karnopp (1989, p. 102) “[...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]”.

Outrossim, acresce o americano surdo Dr. Andersson:

[...] pessoas surdas de talento já tentaram criar poesia ou humor em língua de sinais. Essas inovações culturais aconteceram em muitos países. O recente “Deaf Way Festival” na Universidade Gallaudet provou claramente que a língua de sinais funciona como um enriquecimento cultural ideal. (ANDERSSON, 1992, p. 158).

A literatura surda relata as inúmeras experiências pessoais da comunidade surda que, reiteradamente expõem as complexidades ou as conquistas das opressões ouvintes, de como se sobressaem em diversos acontecimentos inesperados, testemunhando as atuações de grandes líderes e militantes surdos e com relação a valorização de suas identidades surdas.

Strobel (2008), ressalta que comumente parte dessas narrativas em língua de sinais tem sido gravadas em CD- ROOM, vídeos e DVD, servindo no momento atual como fontes para diversas pesquisas executadas por pessoas surdas e ouvintes nas universidades, produzindo este artefato cultural Literatura Surda, que é nativa e incomum:

Diferentes artefatos culturais são produzidos no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre os surdos. Entre eles, destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desses materiais. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instrução como lazer. (KARNOPP, 2006, p. 101).

Importante ressaltar que diversos escritores e poetas surdos também possuem suas produções literárias transcritas para a língua portuguesa, com o objetivo de compartilhar de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda alcançou espaço literário com difusão de livros e artigos com questões nunca antes pensados.

A escritora surda brasileira Gladis Perlin escreveu muitos artigos, por exemplo “As identidades Surdas” (1998); “O ser e o estar sendo surdos: alteridade diferença e identidade” (2003); “O local da cultura surda; (2004); “Surdos: o discurso do retorno” (2005); “Surdos: por uma pedagogia da diferença” (2006); “Surdos: cultura e pedagogia” (2006); que contribuíram significativamente a compreensão da cultura surda na construção de identidades. Nesse contexto percebemos um encadeamento de respeito do “ser surdo”, modificando a perspectiva da história que assegura o valor dos direitos culturais para a comunidade surda, convertendo as relações de poder, iniciando pela vida cotidiana, até os ambientes mais públicos.

A literatura permite que diversas gerações divulguem muitas histórias, entre esses encontramos a comunidade surda que através de língua de sinais, compartilha seus valores e orgulho da cultura surda fortalecendo os vínculos que os ligam-se as gerações surdas mais jovens. Os escritores Padden; Humphries destacam:

[...] Primeiro, como em outras culturas, elas são carregadores de história, maneiras de repetir e reformular o passado para o presente. E segundo, nas circunstâncias especiais da Comunidade Surda, estas histórias assumem um outro peso: elas são um meio vital de ensinar a sabedoria do grupo para aqueles que não têm formulas[...] (PADDEN; HUMPHRIES, 2000, p. 38)

A literatura surda compreende piadas surdas que utilizam a expressão facial e corporal, o poder da língua de sinais e a forma de contar piadas espontaneamente. São classificadas como excepcional na comunidade surda. A arte literária representa para a comunidade surda a oportunidade de registrar suas ações do cotidiano, vitórias, celebrar e valorizar a língua de sinais, tradições culturais, entre outros, e a reunião de todos esses princípios surgiu a literatura surda.

5 | LITERATURA: INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PRÁTICAS SOCIAIS

A língua de sinais possui uma composição dissemelhante da língua portuguesa, não é fonêmica, nem oral, tal pouco alfabética, tal como a escrita. De forma que, a segmentação das palavras orais ou escritas para o sujeito surdo não possui relevância.

O conjunto e o contexto são essenciais, a memória visual da palavra representa grande significado e é evocada no instante da elaboração da produção textual. A segmentação da escrita, a relação fonética/grafema, efetiva-se como questão de memória visual, e não auditiva.

Quadros (1999), ratifica que a escrita alfabética da língua portuguesa não possui importância para expressar significados relacionados a conceitos produzidos pela língua brasileira de sinais, logo, um grafema, uma sílaba e uma palavra escrita em português não indicam nenhuma correlação com um fonema, uma sílaba e uma palavra em língua brasileira de sinais.

Santana (2007), chama nossa atenção para a importância de compreendermos que para o sujeito surdo aprender a língua de sinais representa a possibilidade real de aprendizagem da linguagem escrita.

Diante dessa temática, Santana (2007), aborda três grandes mitos que envolve o aprendizado da língua brasileira de sinais:

- Supor que a língua brasileira de sinais pouco ajuda na aquisição do português escrito, já que a escrita é a da língua portuguesa oral e não da língua de sinais: toma-se aqui uma relação de independência entre a língua oral e a língua de sinais. (SANTANA, 2007, p. 198)
- Supor que basta adquirir a língua de sinais para que o surdo consiga escrever bem: toma-se aqui também uma relação direta entre a língua de sinais e

escrita. (SANTANA, 2007, p. 198)

- Supor que, para adquirir a língua escrita, o surdo deve adquirir primeiramente a linguagem oral: toma-se aqui uma relação direta entre oralidade e escrita. (SANTANA, 2007, p. 198)

Segundo Santana (2007), precisamos compreender o verdadeiro papel da língua de sinais e da oralidade na aprendizagem do português escrito. Nesta narrativa a autora afirma que a língua de sinais não pode ser entendida a partir de um registro íntimo ou mesmo uma relação direta com a língua escrita. Ela enfatiza que a língua de sinais viabiliza ao sujeito surdo “entrar na linguagem escrita” por formas um pouco diferentes que os sujeitos ouvintes.

Santana (2007), afirma que a língua de sinais possui modalidade e estrutura diferente da língua portuguesa. E que é engano pensar que para o sujeito surdo adquirir a fala possibilitará a escrever melhor e com relação a surdez, não há associação direta entre escrita e oralidade. Por conseguinte, os sujeitos surdos não se respaldam na fala para conquistar a escrita.

O Autor Guarinello (2007), chama nossa atenção para o fato de o surdo ser capacitado para escrever e tornar seu texto fronteiro do português padrão, uma vez que sejam oferecidos espaços de relacionamentos, contatos com a escrita por intermédio de atividades significativas, e acima de tudo que detenha um trabalho de combinação outorgada de sentidos concretos para o leitor. Desta forma, o processo de conquista da linguagem escrita está fundamentado na interação com o outro e nessa sinergia reconstroem-se os sentidos dos textos.

Santana (2007), reitera que a escrita do sujeito surdo não deve ser comparada com a escrita do sujeito ouvinte, pois a língua de sinais como já mencionado acima possui uma estrutura diferenciada da língua portuguesa. E que escrever e ler estão relacionados intimamente com o contexto de vida de cada sujeito envolvendo os textos escritos e com sua incorporação na sociedade letrada.

A partir de nosso diálogo com os autores acima citados organizamos a metodologia

6 | METODOLOGIA

A metodologia adotada para nosso trabalho é de caráter qualitativo e exploratório. Para a coleta de dados, fez-se uso de análises de produções textuais.

No desenvolvimento teórico desta produção acadêmica o caminho da pesquisa qualitativa, é orientada a partir de um estudo exploratório, com o objetivo básico de desenvolver, elucidar e transformar conceitos e imagens para a elaboração de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo possui como escopo de possibilitar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto (GIL, 1999).

A pesquisa qualitativa investiga uma compreensão particular daquilo que estuda; o cerne da atenção é alinhado no específico, promove a formação de questões que podem originar futuras averiguações, auxiliando para a compreensão da educação de áreas afins, aumentando o objeto de estudo. Esse tipo de estudo valoriza o ser humano, entusiasma os entrevistados a refletirem sobre determinado tema ou objeto de estudo. Elas manifestam aspectos subjetivos e tocam em estímulos não explícitos, ou mesmo lúcido, de maneira natural. São usadas quando se procura entendimento sobre a natureza geral de um assunto abrindo caminho para interpretação (GODOY, 1995).

A metodologia de pesquisa qualitativa costumeiramente aponta para o Estudo de Caso por realizar o levantamento mais complexo de determinado caso ou grupo humano de acordo com as suas concepções.

Para Trivinos (1987, p. 133), o Estudo de Caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. Assim sendo, escolhemos o método Estudo de Caso para melhor procurar entender a realidade interpretando as diversas informações representadas a partir de diferentes pontos de vista das respectivas jovens surdas.

A pesquisa foi realizada nas dependências de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, nos anos de 2017 a 2018. A casuística foi composta por quatro jovens surdas, todas alunas regularmente matriculadas na respectiva escola municipal. Com idades que variaram entre 12 e 17 anos. Foram empregados os seguintes critérios para inclusão das jovens na pesquisa:

- Ser surda
- Estar regularmente matriculada no Ensino Fundamental I e II na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Lage da Silva

Todas as jovens estavam devidamente incluídas em classes regulares do Ensino Fundamental, as quais mostravam grandes dificuldades de leitura, compreensão de textos literários incluindo os infantis. Para a presente pesquisa, foi usada a demarcação do tipo pré e pós intervenção como abordam as autoras Tawney e Gast (1984). Diante dessa metodologia de demarcação foi possível realizar a comparação do desempenho em relação aos textos literários trabalhados antes e após a leitura de textos usando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), produção textual e finalizando com a dramatização. Ressaltamos que foi enviada uma carta de apresentação às escolas, pedindo a autorização para a execução da pesquisa, deixando claro os aspectos éticos deste trabalho, ou seja, o sigilo entre os envolvidos e a garantia do anonimato dos dados pessoais entre as partes.

7 | PROCEDIMENTOS

Para o prosseguimento do estudo foi selecionado os livros “OS ECO PIRATAS”, “CINDERELA SURDA”, “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS” e questionário harmonizado (com perguntas diretas e perguntas abertas relacionadas ao texto proposto), sendo que todas as perguntas elaboradas foram conciliadas com o nível de linguagem que se achavam o grupo de jovens surdas.

Dando sequência ao nosso trabalho que foi dividido em três etapas descritas:

- Na primeira fase, cada jovem surda, individualmente, realizou a leitura da obra sugerida e posteriormente foi requisitado que respondessem o questionário.
- Na segunda fase, as jovens participaram da apresentação da respectiva obra traduzida em Libras pela Professora Monique Araújo Elias. Continuando, as professoras Carla Georgia e Monique Araújo abriram o grupo para uma conversa comentando o texto por meio da língua de sinais. Logo em seguida, o grupo junto com as respectivas professoras iniciaram o desenvolvimento da produção textual, em que cada jovem iria registrar a sua compreensão da literatura proposta.
- Na terceira fase, iniciamos o processo de dramatização, em que cada jovem elegeu um personagem da história. Importante ressaltar que nesta fase as jovens incluindo as professoras, escolheram os personagens levando em consideração os estudos anteriores do texto, buscando nossas identidades, semelhanças e atitudes nos personagens da respectiva obra literária.
- Na quarta fase, convidamos a comunidade escolar para assistir o espetáculo, dessa maneira ocorreu a dramatização em que o texto foi interpretado de forma prática por cada participante. Dentro dessa narrativa, nossa grande intenção neste momento foi realizar as trocas interculturais na prática, trazendo para o centro as questões que norteiam a inclusão, questões de gênero, as diferenças culturais estudadas por meio dos estudos culturais.
- Na quinta fase, individualmente aplicamos o mesmo questionário acima citado.

8 | DOS RESULTADOS

Evidenciamos após todo o desenvolvimento da metodologia o aumento considerável de acertos nas perguntas fechadas em que era obrigatório responder com “C” para afirmações corretas e “E” para afirmações erradas. Em relação as perguntas abertas as jovens elaboraram respostas utilizando palavras (substantivos e verbos, dificuldades com o uso de conectivos, uso de preposições), que apontam para o entendimento do texto. Todavia, por conta da imensa dificuldade que as respectivas jovens possuem no campo sintático e gramatical, as ordenações das frases ficaram um pouco comprometidas.

O que nos leva a considerar que o trabalho com a Libras, produção textual e finalizando com a dramatização e por conseguinte apresentação para a comunidade com a intenção de realizar trocas de experiências possui efeito positivo com as

participantes, melhorando consideravelmente a compreensão e interpretação textual.

Diante da experiência, podemos considerar a relevância de estudar textos de forma concreta com pessoas surdas objetivando que os mesmos vivenciem as diversas possibilidades que os textos oferecem e proporcionando um avanço no processo de interpretação e compreensão.

9 | CONCLUSÃO

A luz dos fatos citados acima podemos concluir que no caso da mulher surda torna-se algo ainda mais complexo pois persistem ideias rígidas e preconcebidas que alimentam a desigualdade não apenas pelo estigma de surdez, mas também pela desigualdade de gênero, em que a mulher é considerada de menor valor social.

De acordo com as indagações realizadas tendo como base as leituras que respaldaram todo nosso estudo analisamos que: a separação entre gêneros é produzida socialmente, assim como sua integração, visto que toda forma de preconceito, toda discriminação, todo comportamento humano está relacionado à cultura dominante que os incorpora, dissemina, veicula e fortalece. Importante ressaltar que, são as normas e práticas sociais que “autorizam” essa desagregação, normas que impõem modos de falar, de vestir-se, de atuar no mundo, de pensar etc.

A mulher surda possui identidade e luta pelos seus direitos como cidadania, educação e empenha-se arduamente para afastar-se do conceito de “anormalidade”. Ela é capaz de transformar esse conceito de “anormalidade” em normalidade a partir do momento que é respeitado o seu direito de ser mulher, fazer suas escolhas, poder frequentar uma escola e também o seu direito de aprender tendo acesso à Língua Brasileira de Sinais, porque é justamente a língua por excelência instrumento de constituição de luta contra práticas sociais desiguais.

Concluimos que, o trabalho utilizando a língua de sinais, produção textual e dramatização como método para aprendizagem de leitura e, em consequência a escrita resulta em benefícios na compreensão e interpretação de textos pelas respectivas jovens surdas. Evidenciamos que a habilidade do aprendizado provém da ação de implementar experiências com atividades concretas conectadas ao contexto. Desta forma, a nossa produção é uma maneira de alcançarmos maior compreensão e aprendizado em relação ao processo de aprendizagem de jovens surdos

REFERÊNCIAS

ANDERSSON, Yerker. **The deaf word as a linguistic minority**. In: S. Prillwitz & T. Volhaber (Eds.), Proceedings of the International Congress on Sign Language Research and application, Sigum Press, Hamburg. 1989.

Davis, L. **Disability, deafness and body**. Nova York: Verso, 1995.

- FOUCAULT, M. A. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **História da sexualidade**. V.1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIROUX, H.; Mc LAREM, P. **Por uma pedagogia crítica da representação**. In: Silva, T. T.; MOREIRA, A. F. (Orgs). **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- _____, **Questions of cultural identity**. Londres: Sage, 1996.
- LARROSA, J. **Escuela, poder y subjetivación**. Madrid: La Piqueta, 1995.
- LOPES LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in América: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- KARNOPP, Lodenir. **Literatura surda**. In: **Literatura, Letramento e Práticas Educacionais**- Grupo de Estudos Surdos e Educação. ETD- Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006- ISSN: 1676-2592.
- QUADROS, R. M. **“Aquisição de L2: o contexto da pessoa surda”**. **Anais do III Seminário Internacional de Linguística**. Porto Alegre: Gráfica Epecê, 1999.
- SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo. Plexus, 2007.
- SCOTT, J. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, jul./dez. 1995.
- SILVA, T. (Org). **Alienígeas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SKLIAR, Carlos. **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.
- _____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.
- TAWNEY, J. W.; GAST, D. **Single subject research in special education**. Columbus: Charles E. Merrill, 1984.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à Educação Superior 77, 78, 81

AEE 2, 8, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 93, 94, 95, 99, 100, 138

Artes 18, 28, 41, 54, 142, 143, 177

Aspectos legais 13

Ataxia Espinocerebelar 171, 173, 174, 178

Atendimento Educacional Especializado 2, 4, 5, 7, 8, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 70, 73, 93, 94, 99, 100, 120, 122, 136, 137, 138, 142

Atribuições 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 102

Autismo 12, 18, 28, 154, 155, 156, 158, 160, 161

C

Calorimetria 162, 163, 166, 169

Ciências 53, 66, 113, 126, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 187

Cultura Surda 54, 56, 57, 60, 61, 66, 168

Currículo 6, 8, 9, 16, 27, 34, 54, 71, 101, 111, 119, 120, 126, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 152

Curso 9, 14, 26, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 79, 89, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 149, 152, 154, 171, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 187

D

Deficiência auditiva 146, 165, 179

Democratização 4, 15, 77, 78, 79, 81, 169

E

Educação Especial 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 66, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 93, 98, 99, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 152, 158

Ensino a Distância (EAD) 77

Escola 2, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 48, 51, 54, 60, 63, 65, 72, 74, 81, 90, 94, 95, 97, 98, 101, 104, 106, 109, 110, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 147, 153, 157, 159, 160, 162, 163, 171, 174, 175, 176, 177, 192, 193, 196

Estimulação Precoce 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11

F

Formação 7, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 46, 50, 54, 58, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 95, 97, 100, 102, 109, 110, 111, 115, 119, 128, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 145, 147, 156, 157, 166, 169, 181, 182, 187, 189, 198

Formação docente 17, 25, 30, 38, 93, 100, 102, 137

I

Identidade 54, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 70, 73, 102, 103, 107, 110, 111, 112, 149, 152

Inclusão educacional 7, 25, 27, 38, 43

Inclusão escolar 10, 11, 12, 38, 89, 91, 97, 98, 99, 136, 137, 141, 147, 152, 174, 176, 177

Inclusão social 40, 69, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 131, 196

J

Jovens 2, 52, 54, 61, 63, 64, 65, 69, 86, 102, 120, 126

L

Linux 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187

Literatura 43, 54, 59, 60, 61, 64, 66, 89, 91, 92, 93, 172

M

Múltiplas deficiências 89, 90, 95, 96, 97, 100

P

Plano Nacional de Educação (PNE) 1, 2, 3, 85, 137, 142

Políticas Públicas 2, 29, 37, 38, 40, 49, 69, 70, 72, 74, 77, 78, 85, 86, 87, 94, 97, 108, 115, 120, 123, 127, 132, 133, 134, 136, 138, 141

Processo de Ensino-Aprendizagem 27, 29, 154, 156, 158, 160

Público-alvo da educação especial 25, 28, 33, 34, 36, 137

R

Racismo 101, 102, 103, 105, 108, 109, 110, 111, 112

Reflexões Sociais 67

S

Sistema Operacional 179, 181, 182, 185, 186

Sociedade capitalista 67, 68, 73, 75

Sujeito deficientes 67

Surdos 16, 54, 56, 57, 58, 60, 62, 65, 66, 70, 134, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 182, 186

T

Tecnologia 21, 22, 30, 41, 42, 43, 67, 71, 77, 78, 87, 93, 95, 96, 98, 100, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 162, 165, 166, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181

Tecnologia Assistiva 21, 22, 30, 95, 165, 166, 171, 173, 174, 175, 176, 177

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-725-3



9 788572 477253